

no 48

no 9

1.º DE MARÇO DE 1879

O BESOURO

65

Uma estrella caída



2.791
52

BOCK 120



BORDALLOPINHEIRO - D'APRES BEERS.

Maintenant, — ô déconfiture
Des célébrités d'ici-bas !
La Diva qui roulait voiture
N'a plus ni chemise, ni bas.

Já foi bella, já foi nova, teve espirito e teve amantes. Hoje é um farrapo que causa mais nojo que dó ! Não será esta a imagem do carnaval de 1879 no Rio de Janeiro ? Creio que sim. Uma bocca que ri, sem dentes, sem graça, estupidamente. — Uma estrella caída !

Aviso importante

A redacção do *Besouro*, compenetrada de que este numero não tem espirito, pede encarecidamente aos seus leitores attendam ao facto de ter sido escripto pelo carnaval, epocha em que, por via de regra, ha falta absoluta daquelle genero.

Expediente

Recebemos exemplares das seguintes publicações:

Rudimentos musicaes, por José Leandro Martins Filgueiras, que teem por fim unico, segundo nos diz o auctor, facultar aos principiantes o meio de conhecerem theoreticamente as licções que na pratica dão a seus mestres.

Coração e genio, drama em 3 actos, por M. H. Pires Ferrão, acompanhado de duas cartas de Luiz Guimarães Junior e conselheiro Affonso Celso.

No me pique usted, polka para piano, composta por N. J. Martins Junior e offerecida ao nosso collega do *Jornal A. Camarate*.

Niniche, polka brilhante por F. L. da Silveira.

Niniche, quadrilha por Engenio Cunha.

Niniche, walse de salon por F. L. da Silveira.

Agradecemos.

Recebemos mais:

Uma marrada de K. Brito.

Varias innundações de patchouly, de vinho Bordeaux, de cerveja, etc.

Um pé (42 $\frac{1}{2}$) sobre a nossa melhor unha encravada.

Agr... — Arre!

Cremação



s tres dias de carnaval são, para o povo fluminense, o quarto de hora de Rabelais.

Este bom, este pacífico povo, que soffre, com a proverbial mansidão do boi, toda a sorte de cangas a que as tricas da pelotica governativa o ajouja, aproveita a licença destes tres dias para manifestar livre e espontaneamente o apreço ou menospreço em que tem os paes da patria.

As commissões dos quarteirões das ruas principaes, como orgãos da opinião dos seus visinhos, expõem á prova publica quadros, onde são apreciados, sob a fórmula do *ridendo castigat mores*, os actos e os homens politicos do paiz.

O povo, que sae em multidão a percorrer as ruas e a contemplar esses quadros, manifesta livremente o conceito em que tem os criticados, applaudindo ou reprovando as caricaturas.

Si o Sr. D. Pedro II fosse realmente um philosopho, como o proclamam os seus cori pheus e elle proprio procurou inculcar-se ás nações cultas do velho e do novo mundo, e quizesse abdicar do apparatus com que atropella a população desta cidade, para, envergando o modesto *paletot sacco* do *touriste* D. Pedro d'Alcantara, passeiar democraticamente por entre o seu povo,

com certeza bem proveitosa licção poderia colher nestes tres dias de carnaval.

*

E o povo tem razão.

E' justo, é muitissimo justo que aquelles que se julgam com direito ao applauso publico, como recompensa aos seus bons serviços, e accusam de ingrato o povo que lh'o nega, soffram tambem os testemunhos de desagrado quando por ineptia ou malicia procedem em sentido inverso.

Melhor avisados andariam elles, si, em vez de se revoltarem contra a critica que os castiga, aprendessem della a conveniencia de corrigirem-se dos seus defeitos.

*

Os nossos homens politicos, porém, os homens das manifestações encomiasticas encomendadas, não soffrem as manifestações sinceras e expontaneas.

E por saber que elles não gostam destas, foi que uma malta dos engendrades daquellas foi no domingo de carnaval escangalhar o quadro em que o quarteirão, conhecido pelo *quarteirão republicano* da rua dos Ourives, expunha á gargalhada publica alguns paes da patria.

O quadro era, nem mais nem menos, um grande forno de cremação, dentro e fóra do qual se erguiam as estatuas de alguns dos nossos homens politicos.

Aquillo poderia ser uma cremação moral ou deixar de o ser.

O povo, que o contemplasse, aprecial-o-ia desapassionadamente, e si a critica lhe parecesse injusta teria plena liberdade de externar a sua reprovação com proveito moral para os criticados.

Não quizeram, porém, assim.

Os amigos dos taes typos politicos lançaram por terra as estatuas, arrastaram-as na lama como se faz aos judas dos sabbados d'alleluia, e acabaram por queimal-as!

Foram, pois, realmente cremados os taes typos: cremados em estatua e pelos seus proprios amigos!

E' caso para dizer-se:

Peior a emenda que o soneto.

Fox

A's sociedades carnavalescas

Nós vos estimamos, nós vos queremos bem, ó pandigas! Só vós nos comprehendéis, só vós avaliaes esta lucta hebdomadaria que se fere entre o nosso espirito e o gosto do leitor.

Só vós nos comprehendéis, porque gastaes tresentos e sessenta e tantos dias, quando apenas dispomos de sete—para ter espirito.

Só vós nos avaliaes, porque, no fim desses tresentos e sessenta e tantos dias, nada conseguis, e nós, ao cabo de uma semana, sempre conseguimos alguma coisa.

Nós vos estimamos, nós vos queremos bem, ó pandigas!

O Besouro.

Obito illustre



Referindo-se a esta expressão — vulgar, mas portugueza de lei—, que empregamos para noticiar o fallecimento de um grande homem, K. Brito teme que o seu obito seja registrado no *Besouro*, seguido do adjectivo alegre.

Marraste em falso, animal!

Tu, — não o tentes negar, ó mal cheiroso quadrupede! — tens, atada á pata, uma corda que te não deixa sair do campo da semsaboria e da pulhice.

Contenta-te, pois, com a erva que te dão e que não pensamos em negar te, e deixa-te de historias.

Si isso, porém, não te satisfaz, confessamos-te desde já que te reconhecemos pleno direito de — marrar até partir os chifres e berregar... até á consummação dos seculos.

O Besouro.

C. de L.

Um individuo, tendo concluido a leitura de um dos folhetins — *Microcosmo*, perguntou, vendo a assignatura:

— Que assignatura é esta: C. de L.?

— Não é assignatura, respondeu alguém.

C. de L. significa: *Cansaste de ler*.

— Nesse caso, *coitado do leitor!*

J.

Pequenas noticias



Consta-nos que as sessões vão *diminuir* de frequencia por parte dos deputados.

E' caso pensado.

*

Sua alteza, uma dellas, tirou o premio no 4.º anno do collegio de Pedro II; estimariamos mais que sua pequena alteza tirasse a sorte grande.

*

Alguns deputados vão intentar processo contra nós. Ainda bem que SS. Ex.^{as} têm-nos muito amor.

*

Consta-nos que o Monte de Socorro nos dias 15 do mez não tem mãos a medir nas restituições; não comprehendemos... por isso que aquella casa fica allí tanto a geito....

*

O *Jornal do Commercio* continúa muito ajuzado.

*

O Sr. Souza Carvalho acha que á sua caricatura falta um certo colorido. Desculpe-nos S. Ex.^a; mas para outra vez dar-lhe-emos as tintas.

KIT.

Na rua

Um mascara muito desenxabido ao Ignotus:

— Você me conhece?

— Conheço, sim. E's o C. de L. dos folhetins do *Jornal*.

P.

Parte commercial



odos os bancos adoptaram a taxa de 20% e a artinha do padre Pereira;

Excepto o banco do Brasil, contra a opinião do seu secretario, que mais uma vez vê que perde o seu latim.

O mercado esteve muito firme, graças a Deus, posto que se effectuassem transacções regulares, na opinião do *Jornal*, e irregulares na opinião de muita gente de gravata lavada (inclusive o Sr. Kamargo).

As vendas de café lavado foram lisongeiras, o que não parecia muito lisongeiro em certos rostos, aliás lavados.

Venderam-se todos os Soberanos da Europa... Que praça!?

IMPORTAÇÃO

Agua-raz. — Poucas entradas.

Alfafa. — Cerca de 8,000 fardos em diversas mãos: o commercio deste genero tem sido appetitoso.

Canhamaço. — Foram insignificantes as entradas.

Alcazarinas. — Nem uma chegada: escassia a importação.

Um deputado retardado. — Mudo como o Sr. Villa-Bella, preço favoravel.

Toc, reporter do commercio.

« Papagaio » e o « Jornal »

Tem causado certo reparo o silencio do *Jornal*, depois do alijamento do Sr. Gaspar.

Dizem uns que o *Jornal do Commercio* comeu bola para não censurar os actos do actual ministerio.

Outros, porém, affirmam, com certos visos de verdade, que não foi o *Jornal*, mas o *Papagaio* que se deixou arrolhar.

Papagaio come milho, periquito leva a fama.

P.

A Mercedes

No momento da partida
Por milagre eu não morri.
Si tu eras minha vida,
Como, pois, viver sem ti?...

Hoje, á lei de dupla ausencia,
Sem cessar lembrando estou,
Não só tu, flôr de innocencia,
Mas minh'alma que ficou.

APP.

O entrudo

Antes do entrudo



— Que supplicio!... — Ha um mez que sou obrigado a jogar bilhar, para obter uma janella para minha mulher vêr o carnaval. Não ha nada parecido!... Já me doe o braço, eu que não gósto de jogar!

Depois do entrudo



— Tantos sacrificios, tantos vestidos novos, e o estomago estragado para não vêr nada e trazer a mulher para casa n'uma sopa... n'uma sopa!...



— Venha jantar comigo ao Provençeaux, pelo amor de Deus! Venha, por caridade! Sou obrigado a jantar lá para ter direito a um bocado de janella... para minha mulher vêr o carnaval. Eu que soffro de dyspepsia!

Foram-se as idéas! Nem já ha carros para ellas! Acabou-se o *Carro da idéa* e o seu inventor que nos dizia, cheio de satisfação: — Eu sou o auctor, o feliz auctor dos carros das idéas... os outros.



— Eu fui muito feliz! Apenas trouxe o nariz partido. Que felicidade! só o nariz partido!



— Ah! se eu adivinhasse, quem eu tinha levado era minha sogra — só para a vêr em uma sopa.

BORDALLO PINHEIRO

Quando o carnaval tinha espirito, sempre o entrudo lhe dizia :



Carnavá, Carnavá, vá-t-embora. Carnavá, Carnavá, vae para tua casa; não te mette comigo, Carnavá, que te não sei responder, Carnavá. E tanto caceteou o Carnaval, que elle por fim foi-se embora e para ahi deixou o entrudo a jactar-se da sua brutalidade. Teve razão o Carnaval em retirar-se. E' mais forte e eloquente que um dicto de espirito — uma cacetada. E depois um bom dicto nem todos entendem e uma cacetada todos percebem. Viva, pois, o cacete, unica lei irrefutavel e vigente. Faça-se politica de cacete; a expressão da amizade seja o cacete e até as artes se imponham á cacetada. Viva o sr. dom João VI, de saudosa memoria.

Ir buscar lâ...

(PROVERBIO CARNAVALESCO)



Sylvia R., uma das mais formosas senhoras fluminenses, casada de fresco, muitissimo ciumenta, recebeu no sabbado pela manhã a seguinte carta, escripta evidentemente por mão de mulher:

« Quem lhe escreve é uma companheira de collegio. Ha muito tempo que seu marido faz-me a côrte... Ante-hontem escreveu-me, pedindo-me uma entrevista, amanhã, no baile

do Pedro II, no corredor dos camarotes da 2.^a ordem. Diz que irá de dominó azul com um laço encarnado no hombro direito. Observe-o e verá si é ou não verdade o que lhe diz a sua amiga C. »

Sylvia acreditou na informante e resolveu pregar um logro ao marido: mandou um recado á modista, encommendando-lhe um dominó de setim preto, sem enfeites, para o dia seguinte.

No domingo o marido de Sylvia saiu pela volta de 1 hora, pretextando um negocio urgente, de summa importancia, que o reteria fóra de casa até á meia-noite, pelo menos.

— Agora já não ha que duvidar, pensou Sylvia: Carlos vac ao baile.

E desatou a rir, doidamente, ingenuamente, pensando na cara que faria o marido, quando soubesse que tinha seduzido simplesmente... sua mulher.

A's dez horas Sylvia fez a sua entrada nos salões do theatro, seguida de uma chusma de adoradores, que os seus encantos, bem que encobertos por um vulgar dominó preto, foram levantando pelo caminho.

No fim do corredor da 2.^a ordem, á esquerda, estava effectivamente um dominó azul com um laço encarnado no hombro direito.

Sylvia, fingindo-se perseguida menos cortezmente pelos rapazes, dirigiu-se ao silencioso dominó azul, pedindo-lhe que a acompanhasse até a sahida.

O dominó offereceu-lhe gentilmente o braço e propoz-lhe uma volta pelo theatro: Sylvia accedeu.

De concessão em concessão, a mulher de Carlos foi parar a um gabinete particular de um dos melhores hotéis da côrte.

Para Sylvia não restava a menor duvida que o dominó azul era Carlos: o andar, a estatura, a voz, ainda que disfarçada, certo pigarro chronico muito parecido com o do auctor *Da França ao Japão*, tudo, tudo era de seu marido.

Ao envez do que succede geralmente, os dominós, de commum accordo, para serem finalmente espirituosos até o fim, resolveram.... ceiar no escuro!

A ceia durou quatro horas.

Eram duas da manhã quando Sylvia, de posse do laço encarnado do dominó azul, voltou

para casa e deitou-se: Carlos inda não tinha chegado.

Só ao alvorecer foi que o marido entrou-lhe no quarto a cantarolar a *Niniche*.

Sylvia virou-se para o lado da parede, rindo muito baixinho da sua bôa pilheria.

*

Na quarta-feira de Cinza. Depois do almoço:

SYLVIA, atirando uma bolinha de miolo de pão ao rosto de Carlos. — Ora agora, Carlos, que o carnaval já passou, confessa que te deixaste lograr como uma creança...

CARLOS. — Eu? lograr como uma creança?

SYLVIA. — Sim... faze-te de novas. (*Tirando do bolso um laço encarnado.*) Vê si conheces isto.

CARLOS. — E' um laço encarnado... e que mais?

SYLVIA, inquieta. — Então tu não foste ao baile do Pedro II... no domingo?

CARLOS. — Estás doida!

SYLVIA, mais inquieta. — Não estavas de dominó azul... com este laço no hombro direito?

CARLOS. — Eu? Ahi vens tu com os teus ciumes...

SYLVIA, ainda mais inquieta. — Não acompanhaste um dominó preto? não lhe pagaste a ceia? não...?

CARLOS, com muita pachorra. — Qual o que, filha! Estive todo o dia e toda a noite de domingo com o ministro a discutir a minha pretenção... Ora ahi está.

SYLVIA, desmaiando. — Ah!

Cae Sylvia... e o panno.

D. B.

Cosinheiro revolucionario

O Sr. Carlos Bernardino de Moura ao mesmo tempo que escreve a *Revolução* faz muito modestamente a sua cosinha.

Ou, por outra, o illustre tribuno faz uma revolução na cosinha e põe a cosinha na *Revolução*.

S.

Um massador

O França é o sujeito mais massador de que ha noticia.

Quando o Oliveira avista-o a cincoenta passos de distancia, despede-se apprehensivo do sujeito com quem conversa, dizendo:

— Adeus, adeus... Vou-me embora, que o França está *imminente*.

E raspa-se — de guarda-sol aberto!

M.

Distracção

Passa uma mulher bonita:

— Alfredo, esta mulher faz crescer agua na bocca, heim?...

Alfredo (muito distrahido). — E'... faz crescer.....

SAMUEL.

Incendio

Vão dar aviso aos primeiros
Sineiros!
Bão, bão, bão, bão, bão, bão, bão!
Depressa! que incendio lavra
—Palavra!—
Dentro do meu coração!...

A chamma dos olhos della
—Da bella

Pela qual suspiro em vão,
Intenso fogo ateiaram,
Deitaram

No meu pobre coração!

Ai! agora que um ministro
Sinistro

Estab'lece a cremação,
Antes do corpo cremado,
Coitado!

'Stá sendo meu coração!

Mas as labaredas crescem,
Recrescem,

Cada vez mais vivas são!
Felizmente no «Seguro»
Seguro

Tenho, ha muito, o coração!

Que não cortava protesta
Com esta

Forçada liquidação
O pobre vate, coitado!
Privado,

Privado de coração!

Venham, senhores bombeiros,
Ligeiros!

Tragam bombas de tracção!
— Ai, menina, os teus olhares
Pelos ares

Pozeram-me o coração!

Eu não contava com isto!
Por Christo,

Que incendio, que combustão!
Circumscrevam-m'o depressa!
Não cessa

De me arder o coração!

Mas os bombeiros debalde
De balde,

Bomba, esguicho, *et cetera*, estão
Cada vez mais se propaga
—Que praga!

O fogo em meu coração!

Oh! tu, que a culpa tiveste,
Te veste,

Te veste e vem para cá;
Deves o coração que arde
Tratar de

Tratar de apagal-o já!...

Voltae, bombeiros, ao posto!

Eis extinto o fogo, posto
Pelos teus olhos bregeiros...
Que disse eu?
O que não fez o corpo de bombeiros,
Fez o teu...

1878

IGNOTUS.

Theatros

Estamos em plena actividade theatral.
A Phenix reatou o fio das representações da *Niniche*, interrompidas pelo entrudo: a engraçada comedia sóbe hoje á scena pela trigesima-primeira vez.

Os ensaios da *Camargo* continuam activamente. Em breve apreciaremos esta opereta, que vae ser posta em scena com todo o luxo. O Heller não se poupa a despezas para que as suas peças sejam dignas do publico; só assim conta sempre com um publico que seja digno de suas peças.

**

Emquanto a Phenix ensaia a *Camargo*, o S. Pedro, que vae passar a ser só dos sabbados e domingos, pois que o Sr. Furtado Coelho acaba de contractar tambem o Gymnasio, o S. Pedro ensaia as *Miserias sociaes*, drama original do mesmo Sr., e destinado a grande voga, pois, segundo nos consta, mette em scena o convento da Ajuda.

**

No Casino falla-se em montar as *Torpezas sociaes*, drama do Sr. Lopes Cardoso, o inventor, para fazer frente ás *Miserias* do Sr. Furtado.

**

No S. Luiz dá-se a ultima de mão á *Joia*, que subirá á scena qualquer dia. (Subiu hontem).

Para o papel de protogonista foi especialmente contractada a Sra. Helena Cavallier.

**

No Brazilian-Garden, o *Petit-Duc* é muito regularmente representado e cantado por Mlles Lafourcade, Henry e Hams, e por MM Leclerc e Rabelly; mas a *Filha do regimento...* pelo amor de Deus!

Mlle Belia, uma respeitavel matrona, não tem forças para o papel de Maria. O tenor não vale dous caracões. O corista que faz o intendente é infame, simplesmente infame, e a *savoyarde* que faz a marquezza, uma tal Christianne, é um regimento!

O unico salvo do naufragio é Mr Rabelly que no sargento tem, ao que parece, o seu melhor papel.

**

A Phenix, annunciando sabbado gordo a *Niniche*, declarou que era a ultima representação antes do carnaval.

Ahi está o que se chama—descobrir mel de pau.

CEBOLA.

ESBOÇOS PARLAMENTARES



S. EX. ARAGÃO BULCÃO SERINGÃO PALITÃO, ão! ão! ão!

Instrumento de irrigação parlamentar. Quando o entrudo está na Camara, porque não ha de estar na rua? É um vulcão que, pela forma, se apaga a si mesmo. Está sempre a acender-se e a apagar-se. Que seringação, bulcão, palitão!